



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O TÓNIO e o FIDALGUINHO

POR MARIA ARCHER

Não sei se vocês conhecem o Tónio. É aquele pequeno esperto, de olho vivo e resposta pronta, que anda na escola do nosso bairro. O Tónio não

é um janota. O seu fato está longe da elegância, o calçado raras vezes vê a graxa, o cabelo anda mais crescido do que seria para desajar. Mas como ele é la dino! Corre mais que um gamo à solta, trepa às árvores como gato perseguido, briga com os outros como leão açoitado! E na escola sabe as lições, traz os cadernos limpos, livros em ordem, é o primeiro entre os colegas e na estima dos professores.

Já sabem quem é? Ora se sabem!

Vocês conhecem-no... E eu já vi o Carlos falar com ele, o Fernando emprestar-lhe o lápis e a Irene perguntar-lhe a solução dum problema. O Tónio é amável, desfaz-se em vontade, e gostaria de poder repartir, com todos os camaradas, as faculdades do seu cérebro vivo e estudioso.

Mas o Tónio é pobre. Seus pais vivem, com muito trabalho, do duro ofício de vendedores ambulantes. Andam pelas ruas, de manhã à noite, vergados ao peso de céstos enormes, e a custo ganhando para se manterem e ao filho. O Tónio, ao vê-los chegar a casa, derreados, diz-lhes sempre:

— «Deixe estar, paizinho... Deixe estar, mãzinha... que quando eu for crescido hei-de ganhar muito dinheiro para vos ter regalados...»

E os pobres, confiados na esperteza, na bondade, no ânimo do filho, reforçam a coragem e a esperança para continuarem na labuta pela vida.

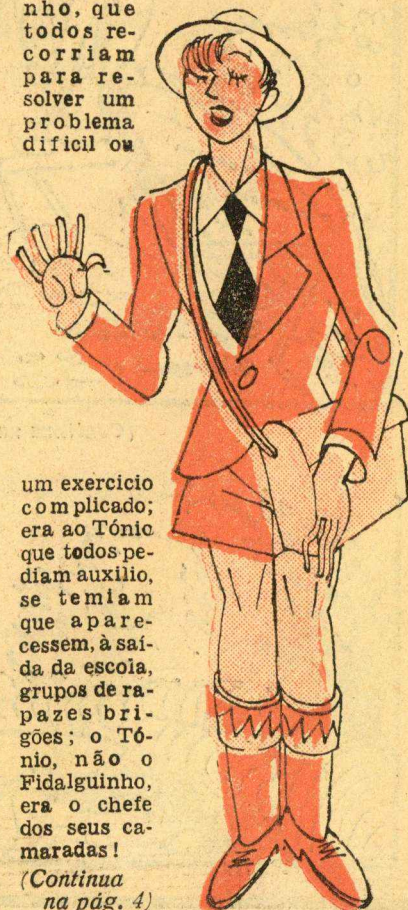
Ora, um dia, apareceu lá na escola um rapazinho muito toleirão (hein? já sabem quem é?) que se dizia fidalgo. Entrava para a quarta classe; mas era a primeira vez que frequentava a escola, porque, até então, estudara em casa, com professores particulares.

Mas seus pais tinham-se, recentemente, arruinado e o fidalguinho, sem meios para continuar na deleitosa vida dos ricos, via-se forçado a caminhar para a escola, sob o sol e sob a chuva, como os camaradas pobres.

Todavia, ao se resignava à mediocridade. Tomava ares de pessoa importante, queria que os condiscipulos lhe concedessem especiais atenções; e pretendia ser tratado com deferências de primeiro entre todos.

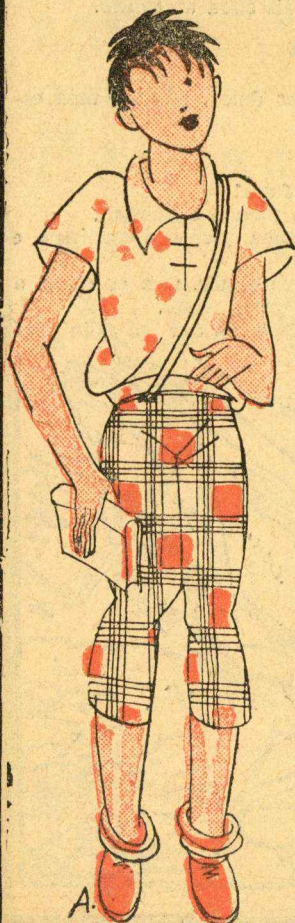
O Tónio, porém, era o fantasma negro. O Tónio, com a sua pobreza, o

seu calçado roto, o cabelo mal penteado, brilhava sempre e a primeira da escola, era o menino querido dos professores e um verdadeiro rei entre os condiscipulos. Era ao Tónio, não ao fidalguinho, que todos recorriam para resolver um problema difícil ou



um exercício complicado; era ao Tónio que todos pediam auxílio, se temiam que aparecessem, à saída da escola, grupos de rapazes brigões; o Tónio, não o Fidalguinho, era o chefe dos seus camaradas!

(Continua na pág. 4)



A.

# O LOUVA a DEUS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA  
Desenhos de A. CASTANÊ

É uma história triste que vou contar-lhes, mas, — que havemos de fazer? — as histórias verdadeiras nem sempre acabam bem!...

Os meus amiguinhos vão, no entanto, aprender até que ponto a fome transforma um bichinho, muito lindo, numa fera das piores!

De longe, julgamos pela sua posição, que esse animalzinho reza!

Com as patas dianteiras juntas e erguidas e as trazeiras ajoelhadas, imóvel e silencioso, chega a impressionar!

— «Viva, Louva-a-Deus!» disse, alto, observando o estranho bicho, pousado na haste duma planta.

O Louva-a-Deus voltou um pouco a cabeça para me olhar.

Sobre o seu pescoço articulado, a cabeça chegava a ter uma expressão humana.

É o único insecto que pode mover os olhos, como gente!

O seu busto comprido, muito direito e as suas asas, dum verde transparente, dão-lhe uma elegância extraordinária.

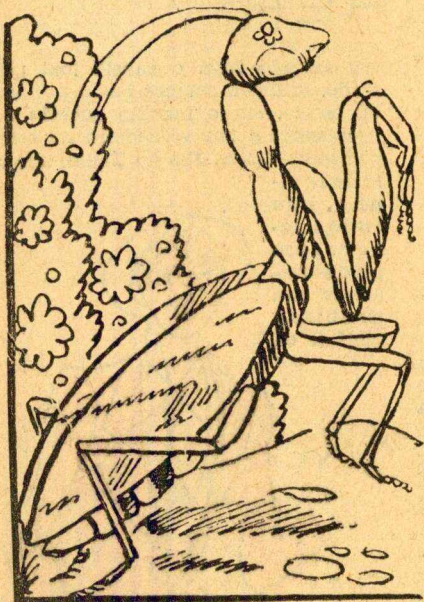
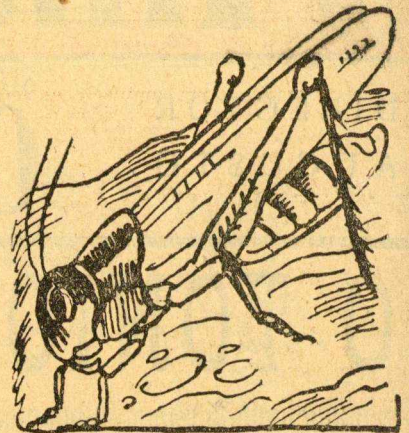
Mesmo o seu focinho pontagudo, tem um ar aristocrático!

A minha presença não o incomodou!

Continuou a sua oração...

Nisto, um gafanhoto enorme, saltou ali perto.

O Louva-a-Deus estremeceu.



Não se pode descrever como, num segundo, o animal se transformou! As asas ergueram-se uma contra a outra, direitas, como duas velas. Pareciam maiores e mais maravilhosas, fazendo fundo à pequenina cabeça negra, onde brilhavam dois grandes olhos.

As patas que rezavam, abriram-se, formando uma cruz.

Eram traçozeiros laços com dentes de serra, terminados por um sólido arpéu.

Então o busto, já não escondido pelas patas, mostrou fios de pérolas brancas e duas belas manchas com uma pinta mais clara ao centro.

Pareciam joias que o enfeitavam!

O Louva-a-Deus imobilizou-se, nessa posição.

Só o ventre se agitava.

Inchava, desinchava, roçava-se contra as asas duras, fazendo uma espécie de zumbido.

O gafanhoto parara, como hipnotizado!...

Não reconhecia este novo animal!...

Tinha medo, um medo atrás e não conseguia fugir!

Movia-se um pouco para a direita ... — depois para a esquerda...

Pensei que o Louva-a-Deus lhe ia saltar em cima, porque é carnívoro e não vive senão da sua caça.

Mas qual!... Não se mexia e contentava-se em seguir, com os olhos, o gafanhoto, como a serpente faz aos pássaros que quere comer.

Se o gafanhoto não estivesse tão apavorado, bastaria dar um salto para se livrar daquela fera!...

Mas, tal qual as aves, quando a serpente as fascina, não pode resistir

(Continua na página 6)



# FÉRIAS

POR  
ALBERTO NEVES

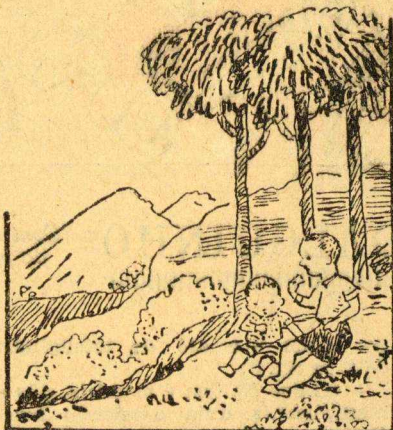
A Maria Miquelina,  
— Inteligente, formosa,  
E' uma excelente menina.  
Por não ter perdido o ano  
Foi ver a near com o mano  
Para o pé de Pampilhosa.

Assim que ela lá chegou,  
Mesmo sem dizer aos pais,  
A Miquelina arranjou  
Um «horário» para tudo:  
*Passeio, repouso, estudo,*  
E tôdas as coisas mais...

Por exemplo: às 6 horas,  
Miquelina está de pé  
Para ir colher amoras;  
Toma banho às 7 e meia,  
Às 8 toma o «café»,  
E das 9 às 10 passeia.

Das 10 até ao meio dia,  
Sempre sorridente e lesta,  
Estuda com alegria;  
E ei-la, depois, a almoçar:  
A seguir vai-se deitar,  
A-fim-de dormir a «sesta».

Dorme até às 15 e meia;  
E então vai para o pinhal,  
Com o mano lá passeia;  
Este é um lindo menino  
Que, a-pesar-de pequenino,  
E' muito franco e leal.



As 16, Miquelina  
Com seu mano vai lanchar  
No alto duma colina;  
E depois, às 17,  
Com um grande canivete,  
Ela vai descamisar...

Das 18 até às 20,  
Distrai-se, faz o seguinte:  
— Com umas simples caninhas,  
Faz excelentes moínhos,  
Gaiolas para grilinhos,  
E muito airosas varinhas.

Está às 20 a jantar;  
A seguir vai passear  
Pelos atalhos vizinhos;  
Tal e qual como uma fada,  
Escuta muito enlevada  
O piar dos passarinhos.

Depois, para casa vai...  
Com sua mãe e seu pai  
Ela entretém-se a jogar;  
Joga à *bisca*, ao *lôto*... E pronto:  
Às 22, em ponto,  
E' quando se vai deitar.

Meus meninos: esta história  
Pode assim ser resumida:  
O Método e a Virtude  
São fundamentais na Vida.

■ F I M ■

## Mais anedotas

Por

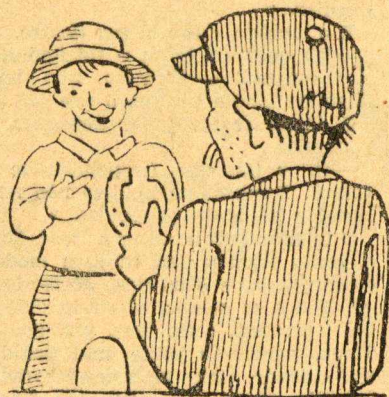
MANUEL FERREIRA

posso arranjar quartos para todos  
esses senhores.»

Tendo caído, um dia, chuva de  
pedras, um pequenito, apanhando uma  
porçãozinha foi, com elas, perguntar  
à Mãe de que eram feitas aquelas boli-  
nhas brancas.

— «É gelo.» explicou a Mãe.

— «Então, guarda-as, para quando  
vjerem ós dias quentes.» — tornou o  
pequenito, com tôda a sua ingenui-  
dade.



Um engraçado dirige-se a um tra-  
peiro que andava a rebuscar num  
caixote e, ao vê-lo agarrar uma ferru-  
dura, perguntou-lhe:

— «Estás a ver se a ferradura te  
serve?»

— «Não. (respondeu o trapeiro.) Es-  
tava a ver se o seu pé era maior do  
que o meu.»

Alta noite, certo fidalgo vaidoso, que  
andava viajando, bate à porta duma

estalagem. O dono da casa pergunta  
de dentro:

— «Quem é?»

— «D. João Pedro Fernandes Ro-  
drigues de Vila Nova, conde de Ma-  
lafaia, visconde de S. Tiago, barão de  
Silvares, marquês da Fonte, duque de  
Alcântara...»

Ao ouvir estes nomes, o estalaja-  
deiro respondeu, fechando a janela:

— «Tenho muita pena, mas não

## A N E D O T A S

Coligidas por N. T. P. P.

O filho do sr. Lopes, que é um  
vivo demónio, teve, um dia, a triste  
lembrança de se meter num barco  
e fazer-se ao largo. Levanta-se um  
pé-de-vento e o bote... não lhes digo  
nada, está em riscos de ir para o  
fundo.

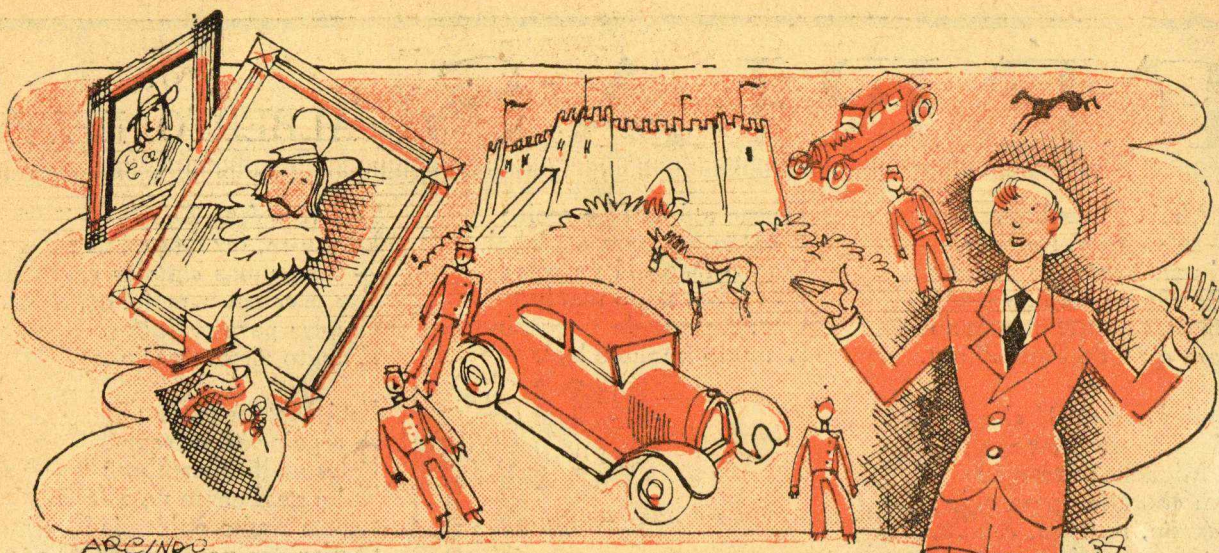
— Ai, valha-me Nossa Senhora (diz  
o garoto, aflitíssimo), se chego a casa  
afogado, o meu pai dá-me uma tarefa  
que me mata!

No tribunal

O juiz — O queixoso afirma e torna  
a afirmar que foi você quem lhe assal-  
tou a casa durante a noite!

O réu, todo ofendido — Mentira!  
Pura mentira, sr. juiz, não fui eu! E  
depois, como é que êle me poderia ter  
visto, se eu vi perfeitamente que êle  
não me viu, porque estava com a ca-  
beça metida debaixo dos lençois?...  
Já vê o sr. juiz...

F I M



## O TONIO e o FIDALGUINHO (Continuado da pág. 1)

O toleirão invejou-o. E a inveja, fazendo o seu trabalho de sapa, inspirou-lhe o ódio e os manejos vis. O toleirão odiava o colega brilhante, aquele que lhe fazia sombra. E, como todos os invejosos, pretendeu rebaixar os méritos do invejado.

Cheio de soberba, de prosápia, começou a desdenhar do Tônio, dizendo que ele era pobre, que andava mal vestido, que falava calão e outras niqui-

ces assim — e até da inteligência dele, se ria.

— «O que êle tem é memória, não e inteligência!» dizia o toleirão invejoso.

E, para se engrandecer a si próprio, contava as pompas do passado dos seus pais. Seu avô era conde; e mãe descendia dum duque; seus tios tinham automóvel, palácios criadagem; êle nascera numa quinta enorme, brazo-

nada, com solar histórico, que lhe vinha dos antepassados...

E acrescentou outras tolices nesse gênero.

O Tônio não tardou a ser informado de que o fidalguinho desdenhava dele e resolveu dar-lhe uma boa lição. Estavam à porta da escola. Era cedo, as portas ainda demoravam a abrir-se. Os pequenos, reunidos em grupos, conversavam. Como de costume, discutiam coisas das lições.

— «Isto de singular e plural, tem que se lhe diga, (dizia o fidalguinho.)

Nem todos percebem... Eu, é claro, percebo... Por exemplo: «Deus». Há só um e, contudo, tem o seu plural — «deuses». Ora, para quê? Se há só um?!»

E dizia isto com modos de pessoa importante, olhando para o Tônio, como que desafiando-o a responder a tão grave problema.

— «Pois sim, (disse, do lado, o Tônio), mas eu sei dum caso mais esquisito... Olha: «Brutus», que é só um, não tem singular...»

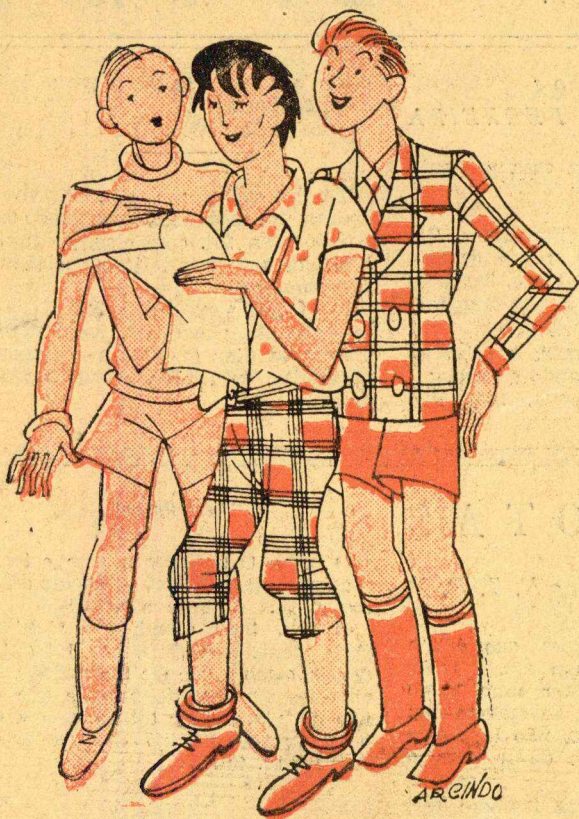
E o trocista ria-se lá por dentro. — «O quê? (ripostou o fidalguinho, com espanto) — «brutos» não tem singular? Então «bruto» o que é?»

E o seu ar arrogante esmagava o contendor.

— «E' o teu caso (respondeu-lhe o Tônio). Também «estupidez» não tem plural e há tantos estúpidos...»

O toleirão quis devolver a frase. Mas o Tônio fitou-o com os seus modos desenganados e o invejoso acobardou-se. Todos os colegas se riram dele e ficou provado, mais uma vez, que o Tônio, apesar de pobre, mal vestido, mal cuidado, tinha mais desembaraço, valentia e esperteza, que um fidalguinho toleirão.

«Brutos» — Nome dum personagem da História de Roma.



# O AVARENTO

POR MANUEL FERREIRA

Desenhos de M. LAPA

**V**IVIA, em certa vilória, um homem, muito rico, chamado Claudino, cujas fazendas se estendiam pelas faldas dos montes que cercavam o povoado.

A sua fortuna passava por ser enorme. Contudo, sovina e miserável, só, em último caso, admitia trabalhadores nas suas terras. Por espírito de avareza, fazia, sózinho, os trabalhos mais árduos do campo.

Morava, roto e imundo, numa cabana de palha. Nunca se lhe vira um sorriso, nem uma palavra boa: e pobre que lhe batesse à porta ia sem esmola e, muitas vezes, mordido por um cão que o Claudino açulava.

Certa, vez, a invernia foi brava e reduziu à miséria os habitantes dum lugarejo próximo. Fez-se uma comissão na vila, para angariar donativos.

Todos deram. Todos não. O velho Claudino recebeu desabridamente as boas pessoas que lhe pediram donativos e ameaçou-os, se lá voltassem, dizendo:

— «Não dou nada para obras de caridade!»

Daí para o futuro, a boa gente da vila via nele um miserável avarento.

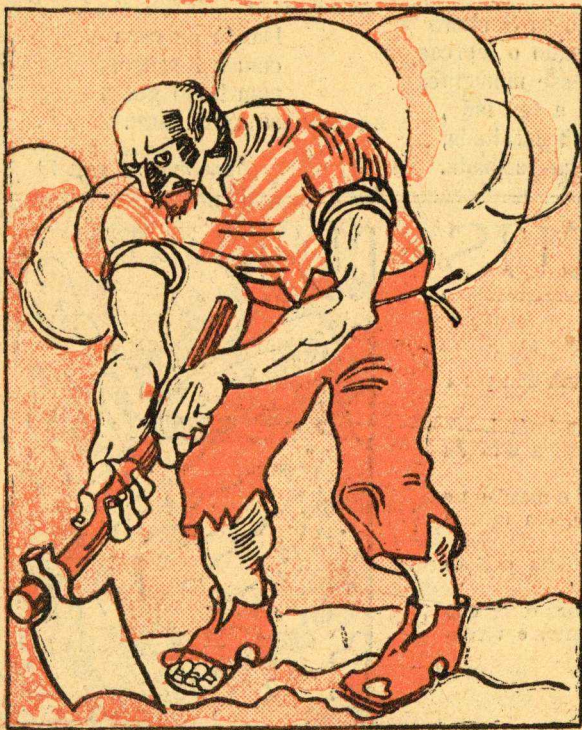
Certa noite, ouviram-se gritos na sua terra. Um homem corria, como louco, pelas ruas, alarmando tôda a gente!

— «Há fogo! A casa do avarento está a arder e já pegou o incêndio à casa do *Manel* da Loja! Acudam!»

Fez-se borborinho. Todos correram para junto da casa de Claudino e viram as chamas elevar-se, sinistras, para o céu.

Um popular, mais decidido, corria ao telefone e avisava os bombeiros do concelho, que não se fizeram esperar, enquanto o povoleu procurava apagar o fogo a baldes de água.

Claudino, desorientado, explicava que tinha sido um descuido seu a origem do incêndio. Juntara alguns fardos



de palha junto da chaminé, com receio de que, na eira, lh'os roubassem. E o resultado fôra aquele. Ao fazer o jantar, pegara fogo à palha,

Ninguém se compadecia do avarento. Mas, em casa do *Manel* da loja, duas crianças choravam, desesperadamente envolidas já pelas chamas.

Ao chegarem os bombeiros, Claudino recebeu-os, de braços abertos. E, imediatamente, disse-lhes:

— «Venham cá! Ao fundo daquele buraco, naquela casa velha, tenho as minhas economias. Corra lá para dentro e salve o meu dinheiro.»

Um dos bombeiros respondeu-lhe:

— «Estão ali em cima duas crianças em perigo. Primeiro estão as vidas. Depois se salvarão os haveres.»

— «Deixe lá as crianças! — (tornou o avarento) — salve-me mas é o dinheiro porque tenho levado tôda a vida a juntá-lo.»

O bombeiro já o não ouviu. Tinha corrido com os seus camaradas, a salvar as crianças, que pouco depois estavam livres de perigo, o mesmo sucedendo ao *Manel* da Loja e à mulher.

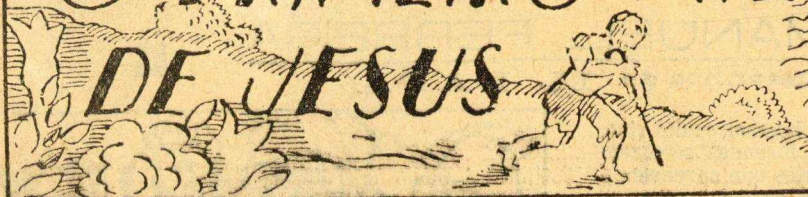
Entretanto, furioso, o avarento acercou-se das chamas, Queria, à viva força, salvar o seu tesouro. Como louco, entrou na casa arruinada. Porém, quando ia a pôr as mãos nos tachos das moedas, deu-se a derrocada e Claudino ficou sepultado nos escombros.

O fogo foi dominado, graças aos esforços dos bombeiros. Depois procurou-se Claudino em todos os lados. Passadas horas, foram encontrá-lo morto junto do buraco onde tinha escondido a sua enorme fortuna.

Deus castigou o avarento que nunca quizera dar uma esmola. Como não tinha família, o dinheiro do velho Claudino, foi todo distribuído a casas de caridade.

Vejam lá os meus meninos para que serve ser avarento...

# O PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS



Estava, um dia,  
Nossa Senhora  
à sua porta  
linho a fiar  
e, a alguns passos,  
entre boninas,  
Jesus andava  
lesto a brincar.

A'queela hora  
pelas campinas

soavam cantos  
das avezinhas,  
e pastorinhas  
lindas, trigueiras,  
guardavam gados  
entre as palmeiras.

Tudo silêncio.  
Serenidade!...

Eis senão quando  
sai dum caminho

certo leproso  
com um aspecto  
mais que horroroso.  
Só grandes chagas  
em si havia  
e o rosto informe  
já nem se via

Vinha fugido,  
triste, cansado,  
pois era, há dias,  
sem compaixão  
p'la multidão  
apedrejado.

E vinha humilde,  
cheio de esp'rança,  
pois lhe diziam  
que os que viviam  
nessa casinha,  
nunca faziam  
mal a ninguém.

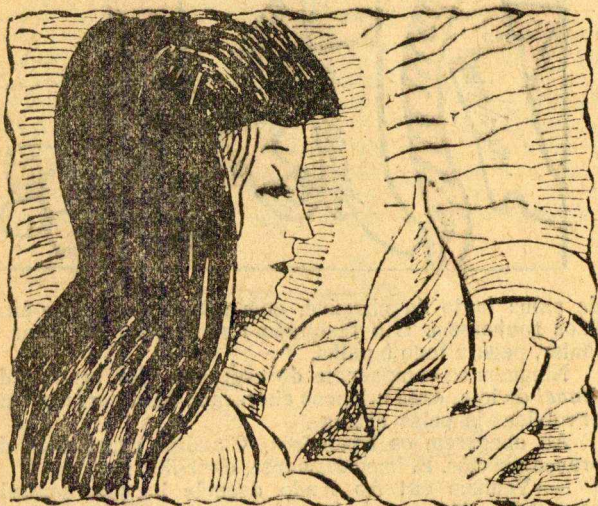
Nossa Senhora  
vendo o leproso,  
nêsse momento,  
já a seu lado,  
sobressaltada,  
olha pasmada.

E fica cheia  
de compaixão,  
em frente dele  
que mal se arrasta  
no duro chão...  
Que desgraçado!

Em suas faces  
logo desliza  
pranto abundante  
e amargurado.  
O Deus Menino  
vendo-a tão triste,  
vendô-a chorar,  
interrompendo  
o seu brincar,  
logo o que existe  
vem indagar.

Dando de cara  
com o leproso,  
num lindo gesto  
se aproximou.

(Continua na pag. 7)



## O LOUVA A DEUS

(Continuado da pagina 2)

e renunciando à doirada luz do sol à bela vida dos campos, caminhou para a arte, sem um hesitação.

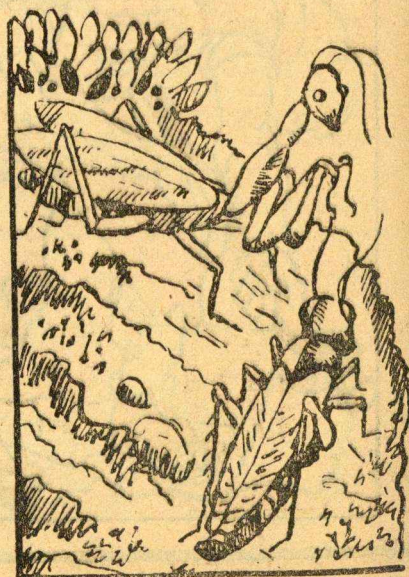
Cada vez se foi aproximando mais do Louva-a-Deus, sempre imóvel.

Chegou-se tanto, que êste só teve que fazer cair sobre a vítima o arquéu das suas patas.

Assim, agarrou-o na torquez dentada dos seus braços e, mal o mordeu na nuca, o infeliz gafanhoto cessou, imediatamente, de se agitar, em inúteis bravatas de revolta.

Acabado o festim, o hipócrita Louva-a-Deus voltou à sua linda posição extática, levantando os olhos e as patinhas para o céu!

Tinha ou não tinha razão, meus queridos amiguinhos, em lhes dizer que hoje a minha história era triste, mesmo feia? Mas, infelizmente, é verdadeira como as mais verdadeiras!



# CONCURSO: -Grandes de Portugal



81

Senhora de alta linhagem,  
Filha de el-rei D. Manuel,  
Era mais linda que as flores  
Que enchem de encanto o vergel.

Era mais bela, no mundo,  
Que tôdas as coisas belas.  
Junto a si não eram nada  
As cintilantes estrélas.

Por ela o grande Camões  
Sofreu tormentos de amor,  
Por ela escreveu seus versos  
Cheios de encanto e de dor.

Por ela esteve em prisão  
E foi, depois, desterrado;  
Que um grande amor nunca tem  
Felicidade a seu lado.

Filha de rei! E tão linda  
Que anjo do céu parecia.  
Era esta dama sem par  
A Infanta



82

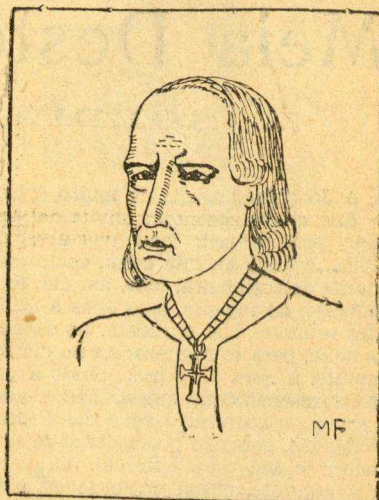
Historiador primoroso,  
Escreveu a nossa História,  
Nesse grandioso momento  
Em que ela só tinha glória.

Descreveu os nossos feitos  
Que fizemos, sem cessar,  
Nas longes terras do Oriente,  
Sem nunca atrás se voltar.

E fê-lo de tal maneira,  
Com tanto brilho e primor,  
Que as nossas coisas tão belas  
Ganharam mais luz e côr.

Suas DECADAS DA ASIA  
Todos nós devemos ler,  
Para amarmos mais a Pátria  
E o escritor não esquecer.

Pois êle fez nosso nome  
Ir com a Fama em seus carros.  
Foi o luso Tito Lívio.  
Chamou-se



83

Patriota como poucos,  
Do fundo do coração,  
Foi um dos que mais fizeram  
Por nossa Restauração.

Ele deu calor aos peitos  
Desta raça só de heróis.  
Para que fôssem expulsos  
Para sempre os espanhóis.

Ele e João Pinto Ribeiro,  
Conde de Almada e alguns mais,  
Fizerem entrar a Pátria  
Em seus trilhos imortais.

Deram liberdade ao Reino;  
Ao trono deram um rei;  
Porém, sem êste doutor  
O que seria? Nem sei!

E em Primeiro de Dezembro...  
Chorava, mas não de pena,  
Este português ilustre  
Que era

## O PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS

(Continuado da pagina 6)

E foi com pena,  
não com terror,  
sempre sorrindo,  
cheio de amor,  
que o Deus-Menino  
p'lo desgraçado  
as mãos passou.

Então, das aves  
lindo trinado

souo, de súbito,  
em todó o lado...  
Canto nas fontes  
se fez ouvir  
e o pòbrezinho  
pôs-se a sorrir.

E' que ao tocarem  
as mãos pequenas  
nessas feridas

esburacadas,  
estas secaram,  
logo murcharam.

E em lírios brancos  
como o luar  
sereno e brando,  
desabrochando  
se transformaram  
e o chão juncaram.

De comoção,  
o pòbrezinho,  
no chão prostrado,  
nada dizia.  
E o Deus Menino  
perto, sorria.

**F I M**

## A VIDA ATRIBULADA DA JOAQUINA BISPO

## Meia Desfeita e Água das Pedras

Por ISOLDINA

Desenhos de ARCINDO

A Joaquina, depois de muito sofrer e dar muitos prejuizos materiais aos seus patrões, sem falar nas arrelias, lá ia fazendo alguma coisa, como ajudante de cozinheira. Mas, um dia, esta adoeceu de repente, logo após a saída dos senhores que partiram, no sábado à noite, para só regressarem no dia seguinte, à hora do jantar, tendo a patrão recomendado que se não esquecessem de comprar a água das Pedras Salgadas, pois não podia deitar-se sem beber o seu copo habitual. Ora, no dia seguinte, encontravam-se os estabelecimentos fechados. Além disso, a senhora Francisca estava de cama, cheia de febre, e não lhe dizia nada do que ela havia de fazer. — Mas deixá-lo!...

Ela havia de lhe provar que, a-pe-

sar-de lhe estarem sempre a chamar estúpida, servia para alguma coisa, e poderia substituí-la no serviço. — «Olha a grande coisa! E pensava a mulherzinha que só ela sabia fazer o serviço...»

Coçou a cabeça, pôs-se a pensar a pensar e, por fim, a sua cara de lua nova desanuviou-se-lhe. Estava já senhora da engrenagem. Resolvera o problema sem perguntar nada à cozinheira. Mãos à obra, pois.

A noite, quando o patrões regressaram, ela, a seguir à sôpa que não estava de todo má, apresentou, tóda emperigada, à espera de um elogio, uma travessa de batatas com mais qualquer coisa indefinida, para a qual a patrão olhava, intrigada.



A.

— «O que é isto, Joaquina?» perguntou ela.

— «E' aquilo que a senhora mandou fazer: — *Mêa-desfêta*. O que custou muito foi a passar pela *mânica* por as *mêas* serem já muito *ponteadas* e *intoiridas* com o suor. Ele, sempre, na *cedade*, se usa cada come *nina*!...»

Ainda não tinha acabado, quando muitas gargalhadas estalaram, e se sentiu empurrada para a cozinha, a todo o passo, pelo Toneca, que não tinha a paciência dos seus bondosos pais. Tiveram de preencher a falha desse prato com doces e figos do quintal. Por fim, a senhora perdeu a garrafa da água das Pedras Salgadas.

— «Pronto minha senhora...»

Mas, oh, horror! Que bodega era aquela?

— «Joaquina! O' Joaquina! Que mais teremos?!... Que água é esta?»

— «A senhora não queria *áuga* das Pedras Salgadas? / As *lojes* estavam fechadas; a Francisca não me disse nada do que havia de fazer. Vai óspois eu disse cá para mim: — que mais tem as pedras serem salgadas lá na *loje* ou cá em casa?!»

Agarrê em mim, fui-me áquelas pedrinhas mais brancas do quintal, puzi-as num alguidar com *munto* sal e a *áuga* por riba delas. Cando já tinha tomado do sal, escoei a *áuga* p'rá garrafa, p'rá senhora *bubêr*.



A.